

# LEITURAS LITERÁRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPERIÊNCIAS COM O GÊNERO

## FÁBULA NAS AULAS DE LEITURA

Juliana da Costa Neres (Pós Crítica/UNEB)<sup>1</sup>

*Resumo:* A presente pesquisa traz uma discussão acerca da oferta das práticas de leituras literárias na Educação de Jovens e adultos por meio do gênero fábula. A partir das leituras teóricas fundamentadas em Cruz (2012), Soares (2008), Cosson (2018), concebe-se a ideia de alfabetizar os sujeitos da EJA através do letramento literário. Nesta perspectiva a literatura é compreendida como direito de todos, sendo primordial o acesso via texto literário. O gênero fábula foi escolhido por entender este ser capaz de tocar o educando de EJA que ainda não sabe ler, nem escrever, de maneira que aflore suas vivências e experiências, em círculos de leituras propostos por Cosson (2018). Assim, as fábulas são ofertadas por meio das sequências didáticas (LERNER, 2002), proporcionando o que Cruz (2012) irá chamar de competências comunicativas: A introspecção, Imagem viva e a interlocução, estabelecendo assim, o pacto ficcional. No tocante aos procedimentos técnicos para análise dos dados coletados, debruçaremos sobre as atividades, relatórios de minhas aulas e relatos de vivências das aulas realizados pelos estudantes no momento do trabalho em sala de aula. Essa coleta priorizará o pertencimento do estudante com o objeto (leitura literária) que está sendo pesquisado. Assim, esta justifica-se pela necessidade de levar para sala de aula uma cultura de prática leitora a partir do texto literário, tendo como norte o exercício da percepção do eu, do outro e do mundo através do texto literário. É neste contexto que lançamos os seguintes problemas: De que forma o estudante da EJA que ainda não domina o código escrito pode se apropriar do texto literário? Que gênero textual poderia ser mais sedutor para o estudante que não domina a escrita? A pesquisa está dividida em três capítulos, são eles: Construindo os aspectos teóricos, metodológicos e históricos da pesquisa; Leituras literárias: abrindo possibilidades na educação de jovens e adultos por meio do letramento literário; Experiências com o gênero fábula na educação de jovens e adultos.

*Palavras-chave:* Leitura literária, Letramento literário, Fábula, EJA.

## INTRODUÇÃO

A história da EJA em nosso país é marcada por lutas, enfrentamentos e por políticas públicas compensatórias que em sua grande maioria não lograram êxito. Com o intuito de melhor compreender as concepções de ensino referentes a modalidade de ensino, EJA, e de como surgiu no Brasil, faz-se necessário buscar o conhecimento histórico da educação, em especial, da educação jovens e adultos desde a época colonial.

A educação formal chega ao Brasil por meio dos colonizadores, como instrumento de dominação, servia apenas aos interesses dominantes, pois tinha como um dos seus principais objetivos a domesticação dos povos que aqui viviam, sob a justificativa de ensinar os povos indígenas a ler e a escrever, contudo é importante salientar que apesar de não saberem a escrita eurocêntrica, os indígenas já se comunicavam transmitindo seus ensinamentos, experiências, vivências e conhecimentos de geração a geração de modo a garantir a tradição dos seus povos.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa 2: Letramento, Identidade e Formação de educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: jullyalagoinhas@hotmail.com.

Desde sua origem, na época da chegada dos jesuítas, a educação formal já mostrava seu caráter excludente e elitista, excluindo e apagando as tradições locais, bem como dividindo a educação que seria oferecida aos filhos dos colonizadores e a que seria oferecida aos filhos dos colonizados. Aos filhos dos colonizados era destinada a educação voltada aos conhecimentos para lidar com a terra, já aos filhos dos colonizadores oferecia o conhecimento mais erudito, o das artes, do pensamento.

Sempre com pouca visibilidade esta modalidade de ensino permaneceu e permanece até hoje esquecida. As políticas públicas que foram destinadas a EJA preocuparam-se com os alunos que seriam atendidos e que deveriam ser alfabetizados de modo que os índices de analfabetismo fossem erradicados, no entanto não preocuparam-se em discutir o que levavam os sujeitos a estarem nesta condição de educando de EJA, muito menos em formá-los enquanto sujeitos críticos e ativos.

O ensino desta modalidade sempre se deteve a um único objetivo, ensinar a ler e escrever, ou melhor, ensinar a decodificação das letras e que muitas vezes não foi atingido por lacuna de diversos fatores como, por exemplo: a necessidade de alfabetizar/letrar, de valorizar os conhecimentos prévios, de levar em consideração suas histórias de vida. Assim, “esses programas e campanhas atravessam as décadas sem, no entanto, conseguir resultados realmente significativos no que tange aos níveis de letramento dessas pessoas” (JORGE, 2009, p.36).

O campo da EJA é muito rico e de muita aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno, é importante que o aprendizado comece das suas experiências, pois os educandos de EJA tem muito a nos oferecer, e nós professores no papel de mediadores, devemos conduzir este processo num contínuum de interação, valorização e contextualização.

## **CONSTRUINDO OS ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Em busca de compreender os processos de alfabetização e letramento e sua importância para as práticas de leitura literária em sala de aula e a potência da literatura, desobstruindo a falácia da crise em sala de aula, optou-se por fazer um mapeamento dos estudos e pesquisas (estado da arte) realizados pelos pesquisadores do grupo Ceale, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG.

O Ceale é formado por profissionais que tem como objetivo integrar grupos de pesquisas com temáticas referentes à leitura, alfabetização, escrita e do ensino de português. Criado desde a década de 90. O Ceale conta já com inúmeras publicações em parceria com a autêntica editora, das quais nos delimitaremos as obras dos últimos dez anos. Numa relação dialógica, os autores discutem

experiências concretas, reflexões teóricas, visando problematizar o uso e a função das práticas de leitura em sala de aula.

No campo da alfabetização e do letramento uma pesquisadora desse grupo que se destaca há muitos anos é Magda Soares por realizar pesquisas de maneira a desmitificar as contradições diversas a respeito dos dois processos em epígrafe. Com uma pesquisa vasta neste campo, Soares traz contribuições teóricas significativas quanto à necessidade de perceber a forma como estes dois processos são conduzidos pela escola ao fazer denúncias sobre o que ela vai chamar de mecanismos de sonegação cultural, uma vez que ao “povo é permitido que se aprenda a ler, mas não lhe é permitido que se torne leitor”. (SOARES, 1988, p.25).

Candido é também um dos autores que também embasam esta pesquisa, nos fazendo compreender e reconhecer a literatura como direito do ser humano, contudo este direito tem sido negado pela escola que insiste na má condução da escolarização da literatura, seus escritos defendem a importância de ofertar a literatura, haja vista ser um bem cultural e direito de todos. Não há como ofertar a literatura, disseminá-las nas escolas sem que seja por meio da escolarização, uma vez que é este o processo que constitui a escola, entretanto na realidade essa escolarização termina por ganhar sentido negativo, basta levar o olhar para a prática pedagógica do professor que insiste em deturpar, falsear, tornando a escolarização imprópria.

Vale a pena destacar o nome de alguns profissionais que fazem parte do grupo Ceale, e que dão base teórica a este trabalho através das suas pesquisas são eles: Aracy Martins, Zélia Versiani, Aparecida Paiva, Maciel, Graça Paulino, Rildo Cosson, João Luis Ceccatini, Ivete Walty entre outros, que de forma bastante diversificada debruçam suas pesquisas para problematizar acerca da leitura, da leitura literária, do ato de ler, sobre o processo de alfabetizar e letrar, sobre a literatura e educação, escolarização da literatura, formação do sujeito leitor (seja o professor ou aluno), letramento literário, os quais a título de constituição do estado da Arte apresentaremos a seguir.

Martins e Versiani abordam em alguns dos seus textos a necessidade de democratizar a leitura literária e ainda discorrem sobre a leitura literária, de grande relevância os textos das autoras, uma vez que ao compreendermos a literatura como bem cultural escasso e ainda não ofertado aos nossos educandos. A abordagem das autoras encontra lugar satisfatório na minha pesquisa, pois um dos objetivos é democratizar o acesso por meio das práticas de leitura literária que serão trabalhadas em sala de aula, bem como tornar clara a compreensão de leitura literária para os leitores.

Paiva e Maciel retratam a formação de professores no contexto das séries iniciais, com ênfase na leitura, literatura e letramento. Ainda que seu trabalho esteja voltado para as séries iniciais, é interessante a perspectiva que trazem da formação de professores, haja vista sabermos a

importância deste profissional no processo de formação leitora do sujeito seja ele criança, jovem, adulto ou idoso é válido preocupar-se com a formação do docente.

Paulino reconhece a leitura literária e suas especificidades, compreendendo que a leitura vai além do ato de ler, exigindo complemento, pois quem ler, ler algo. Assim, busca aporte teórico em Soares que também afirmar que a palavra ler é um verbo transitivo, ou seja, que necessita de complemento. Quando lemos, lemos para alguém ou com algum objetivo, por isso o ato de ler é complexo e a leitura literária tem suas especificidades.

Nas duas obras lidas de Cosson que fundamenta esta pesquisa, é perceptível a maneira como ele considera e reconhece a importância do letramento literário para a formação leitora do indivíduo. O autor nos apresenta com um método para se trabalhar o letramento literário em sala de aula que são os círculos de leitura. Na perspectiva do autor trabalhando por meio dos círculos há uma enorme possibilidade de os sujeitos participarem bem como de lograrem êxito em suas atividades de leitura.

Isto posto e para que as vivências possam fazer parte de um estudo científico, esta pesquisa é de natureza qualitativa com aproximação etnometodológica por debruçar-se sobre o estudo das relações dos textos literários, em especial a fábula com os sujeitos da EJA, ou seja, busca investigar estas relações, suas vinculações, abordagens e contextualidades, considerando para tal o posicionamento do sujeito e suas histórias de vida. Dedicamo-nos para oferecer a leitura literária e para compreender de que maneira se dá esse processo de relação e contextualização do sujeito com as fábulas, bem como a aquisição da leitura destes pelo viés da oralidade, partindo do fato de que em sua grande maioria não sabem ler e nem escrever ainda, desconstruindo a ideia de que o mais importante é alfabetizar, ou ainda mostrando que é possível ofertar literatura aos que ainda não sabem ler, e que o letramento literário é importante suporte para a aquisição do código escrito.

Vale destacar que na pesquisa as histórias dos sujeitos são evidenciadas e valorizadas em círculos de leitura como nos propõe (COSSON, 2018). Esta ferramenta é considerada importante para a pesquisa, pois permite que os educandos possam identificar-se com o texto lido, permitindo-lhes estabelecer as competências comunicativas Cruz, (2012) e assim conseqüentemente a habilidade com a leitura e escrita. Por lidar com sujeitos que ainda não dominam o código escrito, foi necessário reconhecer a importância da oralidade neste processo de aquisição do ato de ler. Ora vista como oposição a leitura e escrita, neste trabalho concebe-se a oralidade como base para adquirir a competência e habilidade da leitura.

Assim, utilizamos nos procedimentos técnicos de coleta de dados a promoção de vivências literárias nas aulas de leitura para que possamos de alguma forma estimular as subjetividades dos sujeitos, tendo em vista que nas aulas em que as práticas de leituras são realizadas, reforçamos

aquilo que Rildo Cosson (2018) chama de motivação. Essa motivação é potencializada através de recursos facilitadores como músicas, dinâmicas, textos secundários para dar entrada no texto. Analisar, perceber, registrar, fomentar a discussão, possibilitar ao sujeito a criação das imagens visivas, permitir que o aluno dialogue com o autor e com o texto são aspectos valorativos para a pesquisa.

No tocante aos procedimentos técnicos para análise dos dados coletados, debruçaremos sobre as atividades, relatórios de minhas aulas e relatos de vivências das aulas realizados pelos estudantes no momento do trabalho em sala de aula. Essa coleta priorizará o pertencimento do estudante com o objeto (leitura literária) que está sendo pesquisado. Preza-se o envolvimento do sujeito com o que está sendo posto, busca perceber cada detalhe de envolvimento e também o não envolvimento, compreendendo suas causas e inviabilidades para tal posicionamento, pois a nossa intenção é com o sujeito frente ao que é proposto nas práticas de leitura literárias, estudando as suas singularidades e experiências individuais, principalmente por se tratar de uma modalidade da educação que se caracteriza pela diversidade de histórias de vida.

## **LEITURAS LITERÁRIAS: ABRINDO POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS POR MEIO DO LETRAMENTO LITERÁRIO**

O segundo capítulo abre uma discussão sobre o vazio da literatura que perpetuamos em nossas escolas, tendo em vista a falta de habilidade em perceber as mudanças pelas quais a literatura vem sofrendo mediante as transformações em nossa sociedade. Discute também acerca da importância em propiciar ao leitor o encontro com o texto literário, compreendendo este como chave para despertar o gosto pela literatura. Além de perceber a necessidade do professor tornar-se agente mediador da leitura, buscando ressignificar alguns conceitos e posturas acerca de: O que entende-se sobre o ato de ler? O que tem-se feito para formar leitores literários? Mas não isto, também concebe a leitura literária para como instrumento de emancipação. É o renovar-se de um professor leitor que precisa se tornar leitor para formar seu educando leitor, por isto buscou nas fábulas, gênero literário enriquecedor, possibilitar a contextualização com a história de vida dos sujeitos envolvidos.

Assim, vale a reflexão acerca do papel da literatura e do letramento literário no processo de alfabetização, pois não há como falar de literatura para jovens e adultos sem antes levarmos em consideração o modo como estes vivem e suas formas de relacionamento com outras pessoas na sociedade em que vivem, reconhecendo as diversas situações orais e escritas a que estão e são expostos antes mesmo de aprenderem a ler e escrever.

Há realmente que se considerar que antes mesmo de adentrarem a escola estes sujeitos já passaram por inúmeras situações com os mais distintos gêneros textuais, seja em família, na igreja, na praça, muitas são as vivências experiências sociais destes. Não podendo esquecer dos (as) educandos (as) que são cozinheiros (as) e fazem uso do gênero textual receita, bem como dos que de maneira formal ou informal fazem uso de material informativo, bilhetes, cartas, dentre outros, enfim que participam de ações cotidianas atreladas ao letramento.

Como sabemos, a vida em sociedade requer inúmeras e imprevisíveis ações dos sujeitos leitores: ler para nos informarmos das notícias diárias, para exercer atividades rotineiras, como tomar um ônibus, escolher direções na cidade; também para entretenimento, como acompanhar a charge do jornal diário, os quadrinhos ou as colunas sociais e notícias que, com frequência, utilizam a piada, a ironia, de modo a colocar pelo avesso a realidade circundante. (SILVIA & MARTINS, 2010, p.29).

Daí percebe-se a importância de valorizar os letramentos dos educandos, uma vez que antes mesmo de chegarem à escola, já estão expostos as situações de letramento social. Reconhecer também a necessidade de trabalhar a literatura em sala de aula na educação de jovens e adultos, pois “A literatura é plena de saberes sobre o homem e mundo”. Cosson (2018, p. 16), envolvendo-os em práticas de letramento escolar, permitindo a todos o acesso ao literário para que possam realizar o pacto ficcional de maneira que possam contextualizar suas histórias, percebendo a literatura como instrumento capaz de revelar sua subjetividade.

A literatura é uma experiência única e fantástica, sendo intransferível e fluida, ela não nos aprisiona, ao tempo que lemos adquirimos, ou melhor, atribuímos valor a cada sentido posto sem nos aprisionar, porque o mesmo texto pode nos causar, a depender de como o recebemos sensações e opiniões diferentes no tempo e no espaço. Por isto que hoje, percebo e reconheço a importância da literatura ser ofertada na Educação de Jovens e Adultos, considerando este educando sempre estar em desvantagem aos educandos do ensino regular.

O educando de EJA precisa, necessita, e é seu direito ter acesso a literatura, ler textos literários, ainda que não saibam decodificar as palavras, entende-se que a leitura que este tem de mundo possibilitará um diálogo e uma leitura do que estar sendo ofertado em sala. Concebemos o texto literário como plural, em que não há uma única leitura, mas uma pluralidade de modos de ler, as leituras serão diversas decorrentes de que há leitores que diferem entre si, cada um estabelece o pacto ficcional com o texto a partir do seu “eu”, a partir da sua história, do seu mundo, da sua realidade, enfim de suas subjetividades.

Os educandos da Educação de Jovens e Adultos em sua maioria chegam à escola como um único desejo conforme já fora dito que é o de aprender a ler e escrever seu nome, e nós professores estamos preocupados apenas em ensiná-los a ler e escrever de forma mecânica, de maneira que apenas decodifiquem as letras e que escrevam apenas de forma a identificar as letras do alfabeto,

reconhecendo talvez alguns dos seus poucos usos. Contudo é preciso ir além, ofertando a literatura aos nossos educandos por meio das práticas literárias de modo a favorecer o desenvolvimento de diferentes conhecimentos e habilidades.

Introduzir os textos literários no processo de alfabetização na educação de jovens e adultos é romper com o sistema que está posto, é desconstruir visões já estabelecidas, engessadas, compreendendo, respeitando o direito do aluno conhecer, viver a literatura, transportando isto para a sala de aula. E é neste sentido que o texto literário é visto como instrumento emancipatório, pois o contato com este e a leitura deste proporciona aos educandos um abrir de possibilidade para a vida.

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2018, p.17).

São por todas estas colocações que acreditamos que a literatura deva ter lugar especial nas escolas, e na prática pedagógica do professor. A escola ainda é para muitos o único local em que podem ter acesso ao literário, desfrutar das obras e autores da literatura, isto devido às condições socioeconômicas de grande parte da população brasileira que por não ser herdeiro cultural o acesso é dificultado, tendo em vista tanta desigualdade social em nosso país, num contexto educacional que insiste em diferenciar a educação ofertada ao rico e a educação ofertada ao pobre.

Espera-se que no ambiente escolar estes jovens e adultos tenham acesso à cultura letrada, considerando ser a escola instituição em que as práticas de leituras são sistematizadas, organizadas, “padronizadas” caracterizando-se como única via de acesso ao texto literário para muitos. Vale salientar o cuidado para não se perder no processo de escolarização, enviesando os propósitos de trabalhar com o literário. A importância de um trabalho sistemático é defendido por Silva, ao colocar que:

O desenvolvimento de um trabalho sistemático com os conhecimentos linguísticos da alfabetização precisa estar associado a criação de oportunidades para o aluno interagir dentro da sala de aula e participar de situações de leitura e escrita que se assemelhem aquelas que vivenciamos em qualquer lugar onde a linguagem escrita é objeto de uso cotidiano. (2010, p. 54)

Um trabalho docente que vise a inserção dos sujeitos nas práticas de letramento literário, precisa ser sistematizado, motivador, contextualizador, bem como precisa proporcionar interação e participação aos sujeitos envolvidos de modo que seus letramentos sejam reconhecidos e valorizados pela escola, proporcionando o diálogo entres os mais diversos tipos de letramento, objetivando o pacto ficcional.

Outro ponto que deve ser levado em consideração com relação ao trabalho significativo do letramento literário é o grande risco de deturpação do texto literário, quando a sua única via de acesso ao aluno é a escolarização. Neste sentido, quando mal direcionada acarreta em prejuízo para os alunos. Entretanto, como assumir lugar especial e de direito se ainda insistimos com a escolarização da leitura literária, não promovendo a imaginação, a fantasia ou pior ainda, se nós professores ainda não proporcionamos o letramento literário em nossas práticas docentes, negamos o pacto ficcional ao nosso educando de EJA.

Nesse sentido destaca-se o papel do professor quanto à seleção dos textos, planejamento das práticas, atentando-se para não exclusividade do caráter didático dos textos literários, dessa maneira o professor, mediador principal deste processo, deve planejar as práticas literárias de modo que tenham sentido para os educandos/sujeitos, que estejam em consonância com as práticas da vida social, tornando o trabalho de literatura e leitura mais significativo.

Trazer a cena a figura do professor como mediador de leitura é muito mais que associa-lo apenas a oferta do texto literário através das práticas de leitura literária, é entender o professor como leitor constante, pois em seu trabalho contínuo de planejar as práticas literárias, e assim na escolha do texto o professor deve ter clareza e conhecimento do que estar ofertando aos educandos.

Brandão & Rosa sugerem três caminhos para a escolha do texto literário, são elas; 1. As afinidades estéticas do professor; 2. As preferências demonstradas pelas crianças (no, caso da pesquisa, os jovens e adultos); 3. O conhecimento do acervo a que os estudantes tem acesso (na escola ou fora dela). (2010, p.74)

Desta forma fica claro a importância do professor leitor é primordial porque quando o professor tem vasto repertório literário e conhece o perfil da turma ele sabe o que ofertar, de que maneira ofertar, aonde se quer chegar, e quais objetivos para tal tarefa e além de tudo numa perspectiva emancipatória, considerando as preferências dos educandos, e suas colocações que poderão ser geradoras de novas discussões, num processo dinâmico, crítico, autônomo e participativo. “Como mediador da leitura, o professor é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para as crianças, mas é preciso que ele próprio seja um usuário assíduo da literatura.” (OLIVEIRA, 2010, p.52).

Entender o letramento literário como fator essencial e como prática social, que pode começar antes mesmo da alfabetização é crucial para levarmos adiante a pesquisa, pois o entendemos como base para o processo de alfabetização, bem como a possibilidade de trabalhá-los de forma paralela em sala de aula, num contínuo em que o educando tem a possibilidade de emancipar-se, de conhecer, experienciar.



Este é um dos motivos que justifica a preocupação da pesquisa, e é relevante pensar sobre a forma pela qual conduzimos a escolarização dos textos literários, pois ao invés de estarmos levando o letramento literário para a sala de aula estamos negando-o aos nossos educandos/sujeitos. “Mas é importante insistir que a leitura é anterior à alfabetização e vai além dela” (SILVA & MARTINS, 2010, p.37).

O que tem acontecido em nossas escolas é o simulacro da alfabetização, fingimos que alfabetizamos e nossos educandos fingem que são alfabetizados, o que no sistema educacional excludente é perfeitamente normal, pois criou-se em nosso país uma cultura errônea acerca do que é ser alfabetizado, do que é ler. Hoje, nossas escolas ainda entendem por alfabetizado, o sujeito que consegue escrever e reconhecer apenas o código alfabético.

É preciso ampliar nossa visão acerca do processo de alfabetização, bem como do ato de ler, pois precisamos percebê-los em sua complexidade, na visão de Cosson, “[...]. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. (2018, p. 27)

Com esta afirmação percebe-se a plenitude e complexidade do ato de ler e fica explícito que por anos inculcamos e preservamos um significado equivocado do ato ler, sendo este muito mais que a decifração de letras e códigos, pensa-se também que o ato de ler ao qual Cosson se refere acontece quando existe em jogo o processo de alfabetização e o de letramento num trabalho conjunto.

No ato de ler, mais que identificar letras, números e símbolos, o sujeito abre-se para o outro e para o mundo, buscando compreender a si a partir do outro e vice-versa. É viver em interação com o mundo que o cerca, compartilhando visões, na partilha do sensível. É nesse sentido que funciona o texto literário, proporcionando interação com o mundo e com os outros por meio do diálogo ficcional.

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-se num trabalho de memorização mecânica do ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. (FREIRE, 2011, p. 28).

É na compreensão da importância do letramento literário paralelo a alfabetização que surgem as práticas literárias que colocam o texto literário como instrumento emancipatório num contínuum

para além da simples alfabetização, ao trazer o texto literário para o centro da discussão, gerando trabalho conjunto entre a alfabetização e o letramento literário.

Mais do que propor o reconhecimento do código linguístico o professor deve criar e proporcionar, mesmo havendo precariedade em sua formação, condições para que haja encontro entre o educando/sujeito e a literatura e junto a este buscar sentido para o texto literário que lhe é ofertado objetivando a transformação da sociedade em que estão inseridos.

Oliveira (2010) também entende que sem formação adequada o professor não consegue usar estratégias para avançar neste processo, e indica a necessidade de rever a formação inicial e/ou continuada objetivando uma reconstrução na formação docente bem como revisão de postura em sala de aula, e que esta por sua vez preze pelo texto literário nas diversas modalidades de ensino. Ratificando, a importância do professor ser percebido como agente cultural, mais que um leitor instrumental, ele precisa ser um leitor literário, que busca a realização do pacto ficcional, que almeja o enriquecimento literário, que se delicia com o texto e que se percebe como elo de interação entre educando e texto literário no seu saber-fazer docente.

## **EXPERIÊNCIAS COM O GÊNERO FÁBULA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

O último capítulo irá apresentar as experiências que ocorreram em sala de aula ao longo do processo de pesquisa, abordando as vivências com o gênero fábulas, assim como o olhar do educando de EJA sobre as vivências ali a floradas, partilhadas e compartilhadas. Para tal, abordaremos teoricamente o gênero fábula como construtor de leitores literários.

Assim é por meio das práticas de leitura literária com ênfase nas fábulas que a pesquisa visa proporcionar aos educandos da EJA o contato com o texto literário e a partir deles a participação, a interação, a contextualização com suas histórias de vida a fim de que possam realizar a introspecção com os gênero textual fábula, e que possam passar como diz Silva: “Pelo processo de identificação do leitor/herói, o leitor se liberta por algumas horas de seus insipido mundo rotineiro e vive emoções intensas num mundo extraordinário de beleza e luxo a que provavelmente nunca terá acesso.” (2009, p.42). O presente insatisfatório, cruel, triste, desigual é substituído, ainda que de forma vicária e efêmera, pela ficção, pelo prazer, pela imaginação. Em defesa disto trago o pensamento de Soares e Paiva.

Espera-se que, na Educação de jovens e adultos, estes tenham contato permanente com esses bens culturais que são os livros de literatura, o que em geral não ocorreu em sua história de vida, para que se familiarizem com eles, de modo a interagir com a linguagem literária- nos textos e nas ilustrações -, desenvolvendo também a compreensão dos usos sociais da escrita. (2014, p.14).

Compreendo que a escola não tem cumprido seu papel com relação à formação de leitores, haja vista a não oferta aos alunos da EJA de textos literários e dos mais diversos gêneros textuais, prevalecendo ainda a educação bancária. Não ofertar é negar o direito do educando a sua formação, a formação autônoma não apenas em sala de aula, mas também autônoma na sociedade. A escola precisa rever suas atribuições e cumpri-las imediatamente, embora para que isto aconteça é necessário que o professor se reconheça como agente de mudança.

Ao trazer necessidade da escola rever sua função, penso também na figura do professor, tendo em vista ele ser um multiplicador do ato de ler, somos nós professores que estamos em sala de aula todos os dias e que compomos o quadro da escola, logo a escola rever significa o professor rever também suas atribuições e cumpri-las, sempre no exercício da reflexão, se questionado que tipo de sujeito está formado, se estar oferecendo o que é direito do educando ou se compactua para a exclusão do seu educando. Fatores como este precisam ser pensado, avaliados e reformulados.

É por acreditar no acesso, na necessidade uma política que contemple as singularidades da EJA, especificamente quando tratamos de leitura. Trabalhar com EJA é sempre visto como uma tentativa de recuperar o tempo perdido, e trabalhar com leitura literária é ofertar um direito que outrora era negado, inclusive por mim, então hoje, busco além da oferta, busco o desperta o interesse dos meus educandos pelo gosto da leitura, a se interessar por livros, pois vejo a literatura como instrumento poderoso de emancipação do sujeito, inserir os sujeitos em práticas de letramento literário escolar de modo que assim possam dialogar com seus letramentos sociais é também um dos objetivos da pesquisa.

## **CONCLUSÃO**

É preciso romper com o contrato didático, como sugere Lerner (2002) nele estão já prescritas os papéis do professor e aluno numa perspectiva colonizadora e não democrática. É urgente que a escola reveja este contrato, que busque a inovação de suas práticas pedagógicas e as funções de cada um dos seus integrantes. Que por meio da leitura literária oriundo da EJA passe a ser visto como sujeito de bagagem histórica, social e cultural, podendo este ser autor no processo de sua formação, haja vista que todo educando de EJA traz consigo um vasto conhecimento decorrente de sua vida e de sua prática em sociedade, faltando-lhe apenas a contextualização com os saberes escolares, sendo esta uma das atribuições da escola.

Nesta nova postura da escola o contrato didático é deixado para trás, o educador não é o único que detém o conhecimento, nem o único que ensina. Os educandos já não são seres sem luz, ou sem capacidade de opinar, de se posicionar e sem poder de discernimento.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi & ROSA, Ester Calland de Sousa. A Leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: PAIVA, Aparecida. Et Al. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: 2010. 204p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Remate De Males. (2012). <https://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635992>
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012
- JORGE, Gláucia Maria dos Santos. *Letramento escolar e não escolar na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso de orientação etnográfica*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- MARTINS, Aracy Alves & VERSIANI, Zélia. Um jogo que vale a pena: democratizar a leitura literária. In: PAIVA, Aparecida. Et Al. *Democratizando a Leitura: Pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda. O professor como mediador das leituras literárias In: PAIVA. Aparecida. Et. Al. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: 2010. 204p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).
- PAIVA, Aparecida & MACIEL, Francisca. Discursos da paixão: a leitura literária no processo de formação do professor das séries iniciais. In: PAIVA. Aparecida. Et. Al. *Leituras literárias: discursos transitivos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Atêntica Editora, 2014.
- PAULINO, Graça. Sobre Lecture et savoir, de Anne-Marie Chatier. In: EVANGELISTA, Aracy Alves. *A Escolarização da Leitura Literária: O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SILVA, Marcia Cabral & MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar In: PAIVA, Aparecida. Et. Al. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: 2010. 204p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiana: Cãnone Editorial, 2009
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008
- LERNER. Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002